# DISPOSITIVO DE ENSINO

*Maria de Fátima Alves Pereira*

A questão da formação do analista tem sido sempre o móvel das grandes discussões, querelas e dissidências na história do movimento psicanalítico. Neste Fórum, a questão axial, a partir da qual a discussão será estabelecida pode, em suas linhas gerais, se resumir na pergunta de quais seriam os fundamentos que sustentam a prática psicanalítica.

Com relação ao dispositivo de ensino, nossa hipótese norteadora é a de que os *desvios no ensino* têm uma relação de congruência com os *desvios na doutrina.* A psicanálise não é um sistema que parta de conceitos claramente definidos, fato que normalmente ocorre, por exemplo, com os grandes sistemas filosóficos. Acha-se sempre *incompleta* e sempre pronta para *retificar* suas teorias, tal como as ciências da física - novas teorias subsistem às anteriores à medida que a *práxis* se estende para fatos não comportados pela teoria anterior.

Fundar uma Escola de analistas não é apenas nomear uma associação, mas estabelecer um tipo de funcionamento, em que o *saber teórico* e o *fazer técnico* articulem-se com o "particular da experiência do inconsciente", tal como Freud o conceberá. Ao contrário do ensino nos Institutos, onde a padronização da formação não leva em conta a transmissão desse saber particular que só a experiência do final de análise permite apreender, ou seja, *um saber sobre a falta estrutural*, - a Escola leva em conta esse ensino que cada analisante, a partir de sua experiência pessoal, pode transmitir na experiência do passe. O passe, nesse contexto, seria um dispositivo capaz de permitir a teorização a partir da própria análise, fazendo avançar a teoria.

Tudo isso nos leva a uma primeira dedução com base no texto de Freud de 1919 *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*. Para Freud o ensino da psicanálise poderia ocorrer na Universidade por meio de aulas práticas associadas à pesquisa, quer seja na formação de médicos, como também nas áreas onde se concentra o ensino da arte, da filosofia e da religião. Contudo, conclui que *a aprendizagem da psicanálise não forma um analista.*

É preciso, portanto, distinguir o ensino sustentado na Universidade e o discurso sustentado na psicanálise. Para que o ensino da psicanálise tenha *valor formativo* é preciso que as aulas e os textos aí apresentados provoquem uma *elaboração de saber inconsciente*. Mais do que isso, é preciso que se provoque um *desejo de saber* (S2), ou seja, o surgimento de um saber que não se sabe. Assim, o ensino da psicanálise ao mesmo tempo que é da ordem de um saber inconsciente, se distingue do saber universitário. Ora, o saber consciente é o que tem se chamado *conhecimento*. Todavia, o dispositivo do ensino da psicanálise só contribuirá para a formação do analista se provocar a elaboração de um saber inconsciente, em que, por exemplo, ao se ouvir uma aula de psicanálise ela *provoque uma interpretação*. Para que essa idéia fique mais clara é preciso que afastemos do ensino da psicanálise a idéia de um saber cumulativo. Não pretendemos no ensino da psicanálise nem que o professor exponha um saber acumulado, nem que o aluno adquira um saber acumulado. O que queremos é que de repente o professor *diga algo que não saiba* e o aluno *entenda algo* que o professor não disse.

Joel Birman quando aqui esteve entre nós num simpósio da UFBa (1999), dizia que a transmissão da psicanálise está passando por uma crise porque o texto psicanalíco perdeu o poder de impacto, perdeu a perplexividade, a surpresa, a estranheza que outrora provocara. A estranheza deve-se ao fato de que a psicanálise não é redutível aos códigos de saber que estamos acostumados. O texto psicanalítico *não* tem as características do texto sociológico, antropológico ou filosófico. Também não é um texto literário. Esse código distinto que nos faz aprender o discurso psicanalítico assenta-se na diferença entre *saber* e *conhecimento* (como colocou Jairo Gerbase por ocasião desse Simpósio). Ouvimos o discurso científico como *conhecimento* e o discurso psicanalítico como *não-saber.* Ora, o saber anda, progride. O *não-saber* também progride. Assim esse código distinto que a psicanálise faz uso é o *não-saber.*

Daí, portanto, a grande dificuldade de se avaliar a *aprendizagem* em psicanálise com os métodos habituais utilizados nas Universidades em geral: - provas, testes; é que *não* se está transmitindo um saber cumulativo. Por não poder ser mensurada, a aprendizagem em psicanálise não pode

se circunscrever aos programas de crédito, comuns aos meios acadêmicos...

Por isso, podemos dizer que o ensino da psicanálise é necessário, mas não suficiente para formar um psicanalista. Isto não quer dizer que a formação teórica possa ser dispensada. Quando Freud refere-se a esse assunto em seu texto *" A questão da análise leiga "* (1926) destaca esses pontos com muita precisão:

*"Nesses institutos os próprios candidatos são submetidos à análise, recebem instrução teórica mediante conferências sobre todos os assuntos que são importantes para eles, e desfrutam da supervisão de analistas mais velhos e mais experimentados quando lhes é permitido fazer experiências com casos relativamente brandos"... (p. 259).*

Tudo o que colocamos até agora de forma alguma vai contra a hipótese inicial: - a qualidade de um psicanalista depende da psicanálise que o sustenta. Assim, quando a psicanálise deixa de lado o essencial da psicanálise que são as *manifestações discursivas do inconsciente* e busca um conhecimento mais "empírico" baseando no afeto, na vivência, na necessidade de amor, na agressividade latente e nos "devaneios psicológicos", termo irônico de Lacan para designar o "eu forte" do analista, o esgotamento das fantasias, a regressão instintiva, a psicanálise cai numa vulgarização psicologizante que inevitavelmente despreza os pressupostos da psicanálise.

Em *A Psicanálise e seu ensino* (Escritos - p. 440) Lacan se pergunta: *"O que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?"* Em termos genéricos o processo de análise ensina algo – o inconsciente. Mas o texto referido é um texto denúncia aos rumos que a psicanálise vinha tomando, a essa época, em que temos um dualismo típico da psicologia anterior a Freud, em que o inconsciente se opunha à consciência, o instintivo ao intelectual, o passional ao racionalizado etc. Lacan termina por enfatizar que a única formação que se pretende transmitir àqueles que seguem esse percurso é o que ele resume com a expressão "estilo" (p. 460). O que Lacan quis dizer com isso? - que a psicanálise não é uma teoria a ser ensinada, só existindo a partir de uma *práxis* do psicanalista. Daí, a questão fundamental passa a ser - *como se forma um psicanalista, o que constitui sua formação*?

Se alguém quer se tornar um analista de orientação lacaniana, demanda uma análise a um analista que supõe sê-lo, suposição que só

pode operar na transferência analítica a partir do sofrimento pelo sintoma, e nesse caso, não se diferencia de qualquer análise. É por isso que Lacan assinala no Seminário 11 (p. 258): *"Não há senão uma psicanálise, a psicanálise didática"*. Contudo, só *a posteriori* uma análise pode ser considerada didática e a possibilidade de responder o que define um psicanalista depende essencialmente do analisante que o sujeito foi.

Então, *quem ensina na Escola são os analisantes e não os analistas,* enquanto "Suficiências", termo empregado por Lacan para designar aqueles que possuem um saber que se basta, um saber completo. Por isso, em relação ao ensino não há, idealmente falando, programas pré-estabelecidos, ensino oficial, pois o objetivo não é um ideal de analista a ser atingido. Mas, como pensar uma formação além da imagem ideal ?

Se a psicanálise enquanto método implica numa técnica que só pode ser definida no singular de cada caso, o que se pode transmitir desse particular? Como ocorre a articulação entre *transmissão/formação/ formalização* no que concerne ao ensino da psicanálise ?

A transmissão é o que o analista pode transmitir das análises que ele conduz. De um lado, o psicanalista se remete aos significantes em comum (ao universal) compartilhados num grupo, mas o que está em jogo é algo da *ordem do singular de uma experiência.*

Segundo Lacan, há duas vias a percorrer: a via do *estilo* e a *via do matema.* A via do estilo relaciona-se ao objeto *a* (o objeto da pulsão). Pela função do objeto *a* o sujeito questiona as identificações aos significantes que o representaram frente ao desejo do Outro. É o que se aponta como a travessia do plano da identificação imaginária. Essa travessia reconduz o sujeito à realidade pulsional, à realidade do inconsciente, que é diferente do relacionar-se com o outro frente a um " ideal de relação sexual ".

O objeto *a* marca o lugar do real na estrutura e define-se como um modo particular de relacionar-se com a *falta-a-ser*; essa seria uma condição humana universal (a falta). Em relação aos matemas, noção inspirada nas matemáticas na década de 70, visariam a uma transmissão que inclui o *real*, pois a escrita matemática seria uma forma de representar o real.

Em suma, a Escola como formação coletiva se organizaria em torno de um " furo" (a ausência de um conceito pré-estabelecido de analista), assim como o sujeito se organiza em torno de um furo, o objeto perdido, o recalque originário. Dessa forma, *a transmissão em psicanálise seria coerente com a doutrina da psicanálise.*

A Escola assim fundada, desconheceria padronizações pré-

estabelecidas, colocando a análise pessoal como central, em que os Cartéis seriam alternativas aos grupos de estudo e os Seminários às aulas tradicionais. O que distinguiria esse dispositivo de outros, seria a relação de transmissão que não estaria preocupada em responder à demanda de saber, mas *operar* considerando essa demanda.

À guisa de conclusão, o que podemos até o momento refletir sobre a formação do analista em relação ao dispositivo de ensino girou em torno de três aspectos fundamentais: a *doutrina*, a *instituição* e a *práxis* da psicanálise.

Da *doutrina* psicanalítica fica a pergunta: como *inovar conceitualmente*, sendo fiel aos princípios freudianos que fundaram a psicanálise? Essa questão tem um desdobramento *conceitual* e outro *político*. Conhecemos os desvios de Jung, ou a crítica que Lacan fez à Psicologia do Ego, enquanto divergentes dos conceitos fundamentais da psicanálise. No viés político, vemos o reconhecimento social de determinada concepção teórica, entendida como psicanálise. Essa contribuição teórica correria o risco de ser acatada pela via da identificação da lógica dos grupos e não da lógica da psicanálise, propriamente dita.

Por outro lado, confrontar a teoria com a realidade das instituições aponta para as questões propriamente institucionais. Se na psicanálise não se trata de governar é preciso se interrogar sobre o estabelecimento de uma política analítica.

Por fim, a *práxis* psicanalítica diz respeito à análise pessoal e à prática do psicanalista. Não se pode formar um analista apenas com o aprendizado teórico dos conceitos fundamentais e de uma experiência prática supervisionada. Isso porque é na experiência pessoal da análise que o sujeito se depara com a realidade analítica, o real da castração. *A posteriori*, aquele que ultrapassou os impasses do final de análise poderia dar provas da existência desse real, mesmo que às custas de um simbólico, por meio do qual, o real é apreendido " não-todo ". Os matemas seriam os auxiliares para falar desse real.

Ser analista, portanto, não é somente dominar uma teoria, nem ter acesso a uma técnica *standart*. A teoria vai poder fundamentar a técnica na particularidade de cada caso clínico, a partir do analisante que se foi - e o seu estilo é o horizonte de sua formação.

Nota

Esta intervenção teve como referência teórica básica o trabalho de dissertação de Mestrado de Taiana Brancher Coelho, denominado ***Psicanálise e Educação no Contexto da Formação do Psicanalista*** – UFMS/Campo Grande - MS; 1998 - 98 páginas.